

A vertente editorial do projeto socialista de Mariátegui

Ricardo Neves Streich

Mestrando em História Social pela USP
ricardostreich@gmail.com

RESUMO: Este artigo se propõe a analisar as características centrais da proposta socialista concebida pelo peruano José Carlos Mariátegui por meio de suas diversas iniciativas editoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Mariátegui, Socialismo latino-americano, Revista Amauta.

ABSTRACT: This article aims to analyze the main aspects of the socialist approach conceived by the Peruvian José Carlos Mariátegui through his publishing initiatives in this political project.

KEYWORDS: Mariátegui, Latin-American Socialism, Amauta Magazine.

Introdução

José Carlos Mariátegui (1894-1930) foi um importante intelectual militante da causa socialista no Peru. Figura excepcional na história do marxismo latino-americano, em função da originalidade com que se utilizou do marxismo em seus estudos, sua *magnum opus* (*Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*) é obra que ainda hoje se configura como referência nos campos da história e das ciências sociais.¹

Autodidata, sua vasta produção intelectual abrangeu diversas áreas do conhecimento, como a crítica literária e as análises político-históricas da realidade peruana, que se aproximam muito da sociologia.

O autor exerceu grande influência na vida política e cultural do Peru dos anos de 1920, pois foi um nome central na fundação no *Partido Socialista do Peru* (PSP) e da *Confederación General de los Trabajadores del Peru* (CGTP). Já no campo cultural, além de escrever poesias e duas peças de teatro na década de 1910, foi responsável pela produção de *Amauta*, uma das revistas vanguardistas mais importantes da história latino-americana.

Mariátegui foi escritor muito produtivo. O conjunto de suas *Obras Completas* conta com vinte volumes, cujos artigos foram, em sua grande maioria, publicados nos grandes jornais

¹ Sobre a importância da primeira tentativa de compreensão da realidade latino-americana a partir de uma perspectiva marxista, nos diz Florestan Fernandes no prefácio da primeira edição brasileira dos *Sete Ensaios*: “Obra lúcida e notável, que já granjeou, desde que foi publicada, suficiente reconhecimento de valor para ser incluída entre os principais clássicos do pensamento latino-americano. Quanto à sua significação para as correntes socialistas, já foi estabelecido o consenso de que ela é ‘a mais importante obra marxista latino-americana’”. In: FERNANDES, Florestan. Prefácio. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. Trad. Salvador Obiol Freitas. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1975, p.XIII.

limenhos de sua época (ele publicou apenas dois livros em vida), fato que nos permite duas constatações.

A primeira delas é a fragmentação da obra de José Carlos Mariátegui. Os escritos produzidos para os diários da capital peruana não possuíam um caráter estritamente teórico, justamente porque buscavam responder sempre a questões colocadas pelo momento. Evidentemente, não se trata de dizer que não há reflexão teórica nestes artigos, mas sim que não houve uma preocupação em *sistematizá-la*. Neste sentido, é interessante observar que mesmo os dois livros publicados em vida foram constituídos a partir da expansão e do desenvolvimento de artigos que o autor já havia publicado anteriormente, ou seja, mesmo neles há um caráter fragmentado.

A segunda constatação é o peso que a perspectiva editorial ocupa no projeto político de Mariátegui, já que ele elegeu a mídia limenha como *locus* de debate e atuação política, possivelmente com a esperança de alcançar um número maior de pessoas. Todavia, ocupar o espaço dos grandes jornais de Lima parece não ter sido suficiente. Por isto o autor participou de diversas iniciativas editoriais, dentre as quais se destaca a fundação da Editora Minerva, que traria à luz as mais importantes intervenções de Mariátegui no debate político do Peru da década de 1920. Como, por exemplo, a já citada revista *Amauta*, o jornal *Labor*, além dos dois livros que o autor publicou em vida (*La escena contemporánea*² e *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*³).

Estas iniciativas editoriais caminharam junto com o desenvolvimento das posições políticas e intelectuais de José Carlos Mariátegui. Num primeiro momento, buscamos demonstrar como o trabalho na imprensa proporcionou que o jovem Mariátegui se interessasse pelas grandes questões políticas peruanas de seu tempo. Seu posicionamento ao lado dos trabalhadores lhe rendeu um exílio na Europa (entre 1919 e 1923), onde travou contato com o marxismo.

A segunda fase, “madura”, dá conta dos anos finais de sua breve vida. Trata-se do período entre o regresso ao Peru, em 1923, até a sua morte em 1930. A separação não deve ser entendida, como adverte Leila Escorsim Machado⁴, de maneira abrupta e estanque. Se houve rupturas (e a adesão ao marxismo foi a maior delas), ocorreram também diversas continuidades, como, por exemplo, o interesse por questões estéticas. A adesão ao marxismo trouxe consigo a necessidade de compreender as particularidades da realidade peruana. Foi este o objetivo que guiou seu projeto intelectual da fase “madura” e que estimulou as suas mais importantes

² MARIÁTEGUI, José Carlos. *La escena contemporánea*. Lima: Editora Amauta, 1976.

³ _____. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Trad. Felipe José Lindoso. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

⁴ MACHADO, Leila Escorsim. J.C. *Mariátegui: marxismo, cultura e revolução*. 2004. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Rio de Janeiro.

iniciativas editoriais. Por isto, o presente trabalho se propõe a discutir a importância das iniciativas editoriais em cada uma das fases da trajetória política e intelectual do socialista andino.

O(s) trabalho(s) na imprensa e o interesse pelo mundo da política

Em certa medida, a biografia intelectual de Mariátegui, até sua viagem à Europa, se confundiu tanto com seus trabalhos na imprensa limenha quanto por suas iniciativas editoriais que deram vazão às suas primeiras indagações políticas.

Entre 1909 e 1919, trabalhou nos mais variados cargos (de assistente de linotipista a redator-chefe) em periódicos de diversos matizes (de revistas femininas a colunas de política) da capital peruana. A ascensão no meio jornalístico lhe proporcionou o contato com o mundo político, pois em 1916 assumiu uma coluna de análise do parlamento no grande jornal *El Tiempo*. Paralelamente a esta ascensão profissional, o jovem jornalista viveu dias de inquietação artística.

Neste mesmo ano, em parceria com Valdelomar, escreveu a peça *La mariscal*: “poema dramático en seis jornadas y un verso”. Além de escrever, ao lado de Julio Baudoin, *Las tapadas*, que chegou a ser representada no teatro *Colón* e recebeu críticas desfavoráveis.⁵ Este período de descobrimento literário e estético do jovem jornalista se sintetizou na participação da publicação da efêmera, mas influente, revista *Colónida* entre os meses de janeiro e maio de 1916.

O grupo *Colónida* tinha como características principais o antiacademicismo e a rebeldia boêmia. Tratava-se de um grupo pautado pelo “anticapitalismo romântico” – protesto contra as formas de sociabilidade do mundo burguês sem uma proposição política imediata – que buscava uma estetização da vida social.

É interessante notar que mais tardiamente, Mariátegui definiu *Colónida* como um “estado de espírito”, que sem se pressupor político e organizado, era crítico ao *status quo*. Em suas palavras:

‘Colónida’ representou uma insurreição – dizer uma revolução já seria exagerar sua importância – contra o academicismo e suas oligarquias, sua ênfase retórica e seu gosto conservador, sua galanteria à moda do século XVIII e sua melancolia medíocre e de olheiras. Os ‘colónidas’ virtualmente exigiam sinceridade e naturalismo. Seu movimento, demasiadamente heteróclito e anárquico, não pôde se condensar em uma tendência nem se concretizar em uma fórmula. Esgotou sua energia no seu grito iconoclasta e seu no seu orgasmo esnobe.⁶

⁵ É interessante observar que estas peças de teatro escritas pelo jovem Mariátegui contrastam radicalmente com as concepções literárias e estéticas defendidas pelo autor em sua maturidade crítica, notadamente nos *Sete ensaios*. Cf. ALIMONDA, Héctor. *José Carlos Mariátegui*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 19.

⁶ MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, p. 265-266.

Já no ano de 1918, devemos destacar a fundação da revista *Nuestra Época*, fundada em conjunto com Félix del Valle, César Vallejo, Valdelomar e César Falcón. O periódico se inspirou na revista *España*, dirigida inicialmente por Ortega y Gasset e depois por Luis Araquistain.

No primeiro número temos o anúncio de que “[...] nosso companheiro José Carlos Mariátegui renunciou totalmente a seu pseudônimo de Juan Croniqueur, sob o qual é conhecido, e resolveu pedir perdão a Deus e ao público pelos muitos pecados que, escrevendo sob tal pseudônimo, cometeu”⁷.

O pseudônimo de Juan Croniqueur começou a ser utilizado quando as letras de Mariátegui passaram a figurar na mídia de maneira mais frequente a partir de 1911. A renúncia ao pseudônimo representou uma inflexão na trajetória intelectual de Mariátegui, pois se tratou de um primeiro esforço de definição político-ideológica. Seu interesse naquele momento, tal qual a base programática da revista *Nuestra Época*, consistia em “dizer a verdade”⁸.

As palavras do jovem jornalista logo alcançaram eco e, por isto, foi fisicamente agredido, em função do artigo *El deber del Ejército y el deber del Estado*, no qual defendia:

Política de trabalho e não política de armamento: é disso que precisamos. Política de trabalho e também política de educação. Que se explore nosso território e que se ponha fim ao nosso analfabetismo: então, teremos dinheiro e soldados para a defesa do território peruano.⁹

A repressão invadiu a redação de *El Tiempo*, onde também era editada a revista *Nuestra Época*, inviabilizando a continuidade de sua publicação. Mariátegui, contudo, não se afastou da política. Muito pelo contrário, pois em maio de 1919, depois de sair de *El Tiempo* por divergências ideológicas, fundou o periódico *La Razón*. O novo jornal assumiu publicamente a defesa das causas dos trabalhadores e, por isto, pretendia ser o “porta-voz do povo peruano”¹⁰. Aqui já podemos perceber que o jornalista possuía claras intenções políticas.

É importante assinalar que, em linhas gerais, a inflexão de Mariátegui rumo a uma atuação política (que se manifestou tanto na fundação de *Nuestra Época*, quanto de *La Razón*) foi resultado de diversos fatores, dentre os quais se destacam os vetores supracitados, a saber: o caráter questionador – ainda que sem nenhum ideário político – de *Colónida* e sua atuação no jornal *El Tiempo*. Neste último, além de se ocupar diretamente da vida política peruana,

⁷ Cf. BELLOTTO, Manoel L; CORRÊA, Anna Maria Martinez. Mariátegui: Gênese de um pensamento latino-americano. In: _____. (Orgs.). *Mariátegui: Política*. São Paulo: Ed Ática, 1982, p.11.

⁸ Cf. PERICÁS, Luiz. Bernardo. José Carlos Mariátegui e o marxismo. In: _____. (Org.). *Do sonho às coisas: retratos subversivos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, p.14.

⁹ Cf. ALIMONDA, Héctor. *José Carlos Mariátegui*, p.26.

¹⁰ Cf. PERICÁS, Luiz. Bernardo. José Carlos Mariátegui e o marxismo, p.15.

Mariátegui estreitou relações com César Falcón, que sempre buscou aliar suas atividades jornalísticas às questões de cunho social.

Desta maneira, queremos apontar que não houve nenhuma espécie de “colonização” do viés estético pelo político. Ou seja, o posicionamento político não implicou considerar a arte como mera propaganda de posições políticas. Muito ao contrário, pois ambos andam juntos na mesma direção, como demonstrou o projeto estético e editorial que o jornalista peruano desenvolveu na década de 1920.

A situação política peruana: Crise do Civilismo

Este movimento de inflexão em direção à política vivida pelo jovem Mariátegui ocorreu justamente no contexto da emergência de novos atores sociais, como estudantes, classes médias radicalizadas, proletariado urbano e campesinato indígena, que não sentiam seus anseios realizados no pacto oligárquico. Tratava-se do momento de *crise do civilismo*.

Sinteticamente, podemos dizer que o *Civilismo* (1895-1919) foi o resultado do pacto entre as elites para estabilizar a situação política do Peru após a derrota na Guerra do Pacífico em 1883. Com o consenso entre Democratas e Civilistas, sob a hegemonia destes últimos, o Peru viveu um período de relativa modernização, que não superou as diferenças regionais entre costa (“branca e dinâmica”) e serra (“indígena e atrasada”), por exemplo. A economia continuava nas mãos de uma pequena parcela de privilegiados (na agricultura, os latifundiários; no comércio, frações burguesas) que viam de bom grado a subordinação ao imperialismo britânico.

No governo Pardo (1915-1919) a crise econômica que assolava o país fez com que os preços dos alimentos aumentassem, sem que houvesse reposição salarial. Às manifestações, seguiu-se uma radicalização da repressão. Ainda assim, uma greve geral foi realizada em 1919, buscando-se a regulamentação da jornada de oito horas diárias de trabalho. Esta greve representou o pico da tensão entre a classe trabalhadora e governo, e, por isto, configurou-se no marco definitivo do desgaste do modelo político *civilista*.

No pleito de maio daquele ano, Augusto Leguía, que já havia governado o Peru entre os anos de 1908 e 1912, contou com o apoio de setores da esquerda como a Federação dos Estudantes e o jornal *El Tiempo*, e também de setores da direita, como integrantes da burguesia e do exército. Vencedor nas eleições, Leguía receou que os civilistas impossibilitassem sua posse, dado que eram a maioria do parlamento e apoiavam o antigo presidente. Por isto, com o apoio de militares, em 4 de julho deu um golpe preventivo: deportou José Pardo e fechou o Parlamento.

Pouco tempo depois da posse de Leguía, uma greve geral em Lima e Callao foi decretada pelo Comitê Pró-Barateamento das Subsistências. Através da articulação do jovem delegado Victor Haya de la Torre, a Federação de Estudantes do Peru (FEP) apoiou a greve dos trabalhadores. Haya de la Torre também mantinha relações com os líderes do movimento estudantil argentino. Desta maneira, inspirados pelo espírito do *Manifiesto de Córdoba* de 1918, os estudantes da Universidade de San Marcos realizaram uma greve que durou quatro meses.

É interessante observar que Mariátegui, cujo contato com a vida universitária foi bastante limitado e episódico, e que, por isto, atribuía a si um “caráter extra-universitário e, talvez, até mesmo *antiuniversitário*”¹¹ se sensibilizou, em conjunto com os editores de *La Razón*, com as demandas dos estudantes e sua aliança com os trabalhadores.

A atuação de Mariátegui foi bastante crítica em relação à postura autoritária do governo, o que lhe rendeu uma forma dissimulada de exílio. Por conta de vínculos familiares, Leguía optou por enviar ao jovem jornalista, ainda em 1919, uma proposta de trabalhar como agente de propaganda peruana no exterior.

A viagem à Europa e as peculiaridades do marxismo de Mariátegui

Na Europa, Mariátegui teve a chance de conviver com artistas e intelectuais como Henri Barbusse, e outros membros do grupo *Clarté*, além de tomar contato com as discussões vanguardistas (estéticas e políticas) de uma Europa que procurava se repensar e se reconstruir após a Primeira Guerra Mundial.

Foi na Itália que o jornalista andino passou a maior parte de sua estadia europeia. Apesar de estar do outro lado do Atlântico, Mariátegui continuou a escrever nos periódicos da capital peruana. Estes textos são rico testemunho do fervor cultural, político e intelectual em que se encontrava a Itália daquele período.

A Itália, parte do bloco dos vencedores da Guerra, saiu com ganhos minúsculos do Tratado de Versalhes. O espólio da Grande Guerra não foi suficiente para deter a crise econômica (inflação e desemprego) e a crise do liberalismo político. A Guerra, que não foi bom negócio para a Itália, trouxe para o cenário político italiano uma enorme polarização política. À direita, houve a ascensão do fascismo. Fenômeno que Mariátegui analisou com perspicácia enfatizando seu caráter violento e extraparlamentar – visto que, para ele, se tratava basicamente

¹¹ “Matriculei-me certa feita na Faculdade de Letras, em Lima, mas somente com interesse em seguir o curso de latim de um agostiniano erudito. E, na Europa, frequentei alguns cursos como ouvinte livre, mas sem nunca me decidir a perder meu caráter extra-universitário e, talvez, até mesmo *antiuniversitário*.” MARIÁTEGUI, José Carlos. Autobiografia de ocasião. In: PERICÁS, Luiz Bernardo. (Org.). *Do sonho às coisas: retratos subversivos*, p. 136. (grifo nosso).

da “ação ilegal” dos setores conservadores que buscavam, diante das manifestações dos trabalhadores, manter a todo custo o Estado e a ordem vigente.

Já à esquerda, houve a ocupação das fábricas do norte industrializado, no que ficou conhecido como Biênio Vermelho (1919-1920), além da influência da Revolução de Outubro. Foi o momento em que o comunismo começou a aparecer de maneira relevante no campo de forças dos revolucionários.

Tratava-se de um movimento de renovação do marxismo. O cisma do Partido Socialista Italiano (PSI) que deu origem ao Partido Comunista da Itália (PCI) sintetiza a busca por alternativas ao evolucionismo economicista e ao objetivismo “grosseiro” típicos da II Internacional. Mariátegui estava atento a estas discussões, como indica seu trabalho de cobertura jornalística do Congresso de Livorno em 1921, durante o qual ocorreu o referido cisma.

As proposições dos teóricos e dirigentes que fundaram o PCI devem muito, intelectualmente, ao filósofo Benedetto Croce¹² que naquele momento era o maior expoente das críticas ao evolucionismo positivista. De maneira geral, podemos dizer que para os marxistas esta crítica ao evolucionismo positivista se traduziu na recuperação da categoria de *vontade*. O socialismo, então, não seria inexorável como professavam os teóricos da II Internacional. Ele só poderia ser fruto da *ação* e da *vontade* de *intervenção consciente* no devir histórico.

Para Mariátegui, em particular, também foi esta crítica ao socialismo de matriz positivista que orientou todo o seu plano de ação política no Peru da década de 1920. Neste sentido, para sustentar esta sua posição, as *Reflexões sobre a violência* (1908), obra do sindicalista revolucionário francês Georges Sorel foi referência fundamental em função da ênfase que o pensador francês concedeu à *vontade* humana em sua análise do curso histórico.

O ambiente italiano forneceu outra referência crucial para Mariátegui no que tange a abordagem de problemas concretos. A análise de Piero Gobetti, teórico italiano com cujo espírito Mariátegui afirmava sentir a “mais amorosa sintonia”, sobre o processo do *Risorgimento* (unificação italiana) foi bastante importante para Mariátegui.

A tese de Gobetti sobre o consenso estabelecido “pelo alto” entre as classes dominantes italianas no processo de unificação italiano serviu de “modelo”¹³ para Mariátegui. Sobre a

¹² Podemos assinalar, como o faz Robert Paris, que Croce representou para Mariátegui, mais do que um criador de ideias prontas e acabadas, uma abertura a determinados temas filosóficos, além de certos métodos de raciocínio a respeito de problemas concretos. Cf. PARIS, Robert. El marxismo de Mariátegui. In: ARICÓ, José. (Org.). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*, México: D.F. Ediciones Pasado y Presente, 1978, p. 119.

¹³ Do livro póstumo de Gobetti, *Risorgimento senza eroi* – onde o autor se propõe a fazer uma exegese do Risorgimento – Mariátegui retém os elementos que introduzem e explicam a situação do presente. “Hasta tal punto esto es cierto, como él lo explica, que se trata allí de un ‘modelo’, de una reconstrucción histórica que le parece directamente

participação popular, aponta Mariátegui, utilizando-se da explicação de Gobetti sobre a Itália para interpretar o Peru:

La lucha por la libertad y la democracia no fue sentida suficientemente, en sus fines ideales, en su necesidad histórica por el pueblo. ‘El problema de nuestro Risorgimento: construir una unidad que fuese unidad del pueblo’ – escribe Gobetti – ‘permanece insoluto porque la conquista de la independencia no ha sido sentida, tanto como para tornarse vida íntima de la nación misma, no ha sido obra fatigosa y autónoma de formación activamente espontánea’.¹⁴

A tese de Gobetti foi fundamental para Mariátegui questionar como construir o socialismo em um país como o Peru, em que as condições clássicas do desenvolvimento capitalista não estavam dadas. Com a finalidade de organizar as forças sociais que se encontravam dispersas (a incipiente classe proletária, em particular, e os trabalhadores em geral), José Carlos Mariátegui transformou o *socialismo* em um *mito* – no sentido que Sorel propunha, ou seja, como um apelo à *ação* e à *mobilização*. Afinal, se o marxismo era lugar da angústia, o socialismo só poderia advir das forças da vontade.

É importante assinalar que as concepções marxistas de Mariátegui não desembarcaram prontas e acabadas da Europa para serem “aplicadas”¹⁵ na realidade peruana. Por isto, podemos dizer que para Mariátegui o marxismo seria uma bússola – ou seja, um método – cujo norte era entender a realidade peruana para nela intervir e assim construir o socialismo.¹⁶

49

O Regresso ao Peru: as iniciativas políticas e editoriais

O país onde Mariátegui lutou pelo socialismo, depois do seu regresso da Europa em 1923, ainda se encontrava sob o governo autoritário de Leguía. O período em que ele esteve no poder (1919-1930) foi designado de *oncênio* e teve como principal característica o estímulo a um processo conservador de modernização do Peru. Desta maneira, houve um endurecimento político acompanhado de um relativo desenvolvimento econômico, com algum grau de aumento das massas assalariadas tanto no campo quanto na cidade.

Este processo ocorreu de maneira subordinada ao imperialismo estadunidense que desde o início da primeira guerra mundial vinha ameaçando a hegemonia britânica do período

traducible a la “realidad peruana”. PARIS, Robert. *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*. México: D.F. Ediciones Pasado y Presente, 1981, p. 160.

¹⁴ MARIÁTEGUI, José Carlos. El Labour Party. In: _____. *La Escena Contemporánea*. Lima: Editora Amauta, 1976, p. 120.

¹⁵ MACHADO, Leila Escorsim. *J.C. Mariátegui: marxismo, cultura e revolução*, p.145.

¹⁶ O impulso inicial, face à fertilidade com que o autor trabalha as categorias teóricas do marxismo, seria logo classificá-lo como “heterodoxo”, ainda mais quando temos em mente que sua produção teórica se deu concomitantemente ao processo de *bolchevização* e *stalinização* do movimento comunista internacional. Contudo, não podemos limitar o pensamento deste brilhante marxista peruano à condição de “reativo”, tal qual o termo “heterodoxo” parece sugerir. Afinal, seu marxismo não se limitou a “responder” a ortodoxia, pois sua maior característica foi se utilizar do marxismo de maneira aberta e criativa.

anterior. A burguesia peruana que, como dizia Mariátegui, chegou atrasada demais à cena do capitalismo internacionalizado¹⁷, longe de buscar um projeto de desenvolvimento autônomo e nacionalista, preferiu estabelecer uma relação de *associação*, ou *dependência*, com a burguesia dos países de capitalismo avançado.¹⁸

Foi neste contexto que ocorreu a elaboração do projeto socialista do jornalista peruano. Grosso modo podemos dizer que as disputas ocorreram em três frentes: a sindical, a partidária e a intelectual. A separação é estritamente conceitual e em hipótese alguma deve dar margem a compreender quaisquer das três vertentes de maneira isolada, pois elas não apenas dialogam e se misturam entre si, mas possuem o mesmo objetivo: a construção do socialismo.

Com isto em mente, podemos analisar como se desenvolveu este projeto de construção do ideário socialista. Após seu regresso à América do Sul, Mariátegui logo se engajou na luta política de que se ocuparia até o fim de sua breve vida. Naquele momento, a agitação política estudantil, ainda motivada pelo espírito de *Córdoba*, fundou a *Universidad Popular González Prada* (UPGP), que significou a tentativa de articular e aproximar a camada estudantil e os trabalhadores.

Durante esta iniciativa, ocorreu uma aproximação política entre as figuras de Mariátegui e Victor Haya de la Torre, fundador da *Alianza Popular Revolucionaria Americana* – APRA. A Aliança inicialmente funcionou como uma *frente única*, na qual se encontravam representantes dos diversos setores sociais, incluindo a pequena burguesia e os estratos médios radicalizados, que lutavam contra o imperialismo. Naquele momento, o programa da Aliança consistia em basicamente 5 pontos:

- 1) a ação contra o imperialismo ianque; 2) a unidade política da América Latina; 3) a nacionalização das terras e da indústria; 4) a internacionalização do canal do Panamá; 5) a solidariedade de todos os povos e classes oprimidas do mundo. Propunha também a organização de partidos nacionais incumbidos de realizar o seu programa.¹⁹

Além da convergência política, que possibilitou a atuação conjunta dentro da APRA, Haya de la Torre e Mariátegui possuíam, naquele momento, concepções bastante próximas sobre diversos pontos como, por exemplo: a questão agrária, o problema nacional peruano, o bloco social das forças antiimperialistas e o papel da comunidade indígena. Contudo, é necessário

¹⁷ “Estamos na época dos monopólios, vale dizer, dos impérios. Os países latino-americanos chegam com atraso à concorrência capitalista. Os primeiros postos já estão definitivamente ocupados. O destino destes países, dentro da ordem capitalista, é o de simples colônias.” MARIÁTEGUI, José Carlos. Aniversário e balanço. In: LÖWY, Michael (Org.). *Por um socialismo indo-americano*: José Carlos Mariátegui. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, p.119-120.

¹⁸ Cf. MARIÁTEGUI, José Carlos. Economia Colonial. In: LÖWY, Michael (Org.). *Por um socialismo indo-americano*: José Carlos Mariátegui. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

¹⁹ BELLOTTO, Manoel L; CORRÊA, Anna Maria Martínez. Mariátegui: Gênese de um pensamento latino-americano, p.20.

salientar que Mariátegui sempre defendeu, dentro da APRA, a necessidade de uma presença autônoma do proletariado – na figura, por exemplo, de uma central única dos trabalhadores.

Em janeiro de 1924, Haya de la Torre foi preso e seguiu exilado rumo ao México. Mariátegui assumiu de maneira interina a direção da revista *Claridad* – fundada por Haya de la Torre. A primeira experiência editorial de Mariátegui em sua fase madura dá pistas relevantes sobre o seu projeto político. *Claridad*, sob sua direção, se radicalizou. Inicialmente considerado o órgão de comunicação oficial das Universidades Populares, o periódico acabou por se aproximar dos setores operários organizados e se transformou em referência da Federação Operária Local de Lima.

A aproximação de uma revista como *Claridad* com os trabalhadores demonstra como as três vertentes do projeto de Mariátegui estão conectadas. Afinal, se tratava de projeto intelectual que se articulou com um sindicato para auxiliar na organização política dos trabalhadores. Por isto, o objetivo desta associação aos trabalhadores era editar um jornal classista, além de abrir livrarias e editar livros, panfletos e revistas que colaborassem na difusão da cultura das classes mais populares. Nota-se como o trabalho de divulgação, conscientização e convencimento político dos trabalhadores possui um caráter também cultural.

Os planos de *Claridad* não conseguiram ir adiante, em função da doença que obrigou Mariátegui a amputar uma perna em 1924. Já em 1925, os esforços para fundar a editora Minerva tiveram resultados diferentes. Por lá saíram à luz as obras de vários escritores peruanos importantes como Mariano Iberico Rodríguez, Luis Valcárcel, José María Eguren, Panait Itrati e também o primeiro livro de Jose Carlos Mariátegui: *La escena contemporánea*, uma coletânea de artigos, originalmente publicados em *Mundial* e *Varietades*, que versavam sobre arte e política.

A revista *Amauta* e a interpretação da realidade peruana

O desenvolvimento de seu projeto editorial – cujo maior objetivo era fundar uma revista difusora das ideias socialistas e das artes de vanguarda – levou Mariátegui a articular esforços com um grupo de vanguardistas e ativistas políticos das causas das classes populares, como Ricardo Martínez de la Torre e César Falcón, para iniciar a publicação de *Amauta*, palavra que em língua quéchua significa sábio, sacerdote.²⁰ O nome foi escolhido por sugestão de José Sabogal, pintor peruano que produziu a arte de capa para todos os 32 números da revistas que foram publicados entre 1926 e 1930, interrompida entre maio e dezembro de 1927.

²⁰ “El título no traduce sino nuestra adhesión a la Raza, no refleja sino nuestro homenaje al Incaísmo. Pero específicamente la palabra ‘Amauta’ adquiere con esta revista una nueva acepción. La vamos a crear otra vez.” MARIÁTEGUI, José Carlos. Presentación de ‘Amauta’. In: _____. *Ideología y Política*. Lima: Editora Amauta, 1974, p.238.

Desta maneira, em setembro de 1926, com uma tiragem de 3.000 exemplares foi publicada a primeira edição de *Amauta*. Dela participaram os nomes mais importantes da vanguarda intelectual peruana, assim como opositores do regime Leguía, muitas vezes deportados, como Haya de la Torre.

Grosso modo, como sugeriu Alberto Tauro²¹, podemos dividir a história da revista em 3 fases. A primeira que vai dos números 1 ao 9 (justamente o período anterior à interrupção); a segunda, caracterizada pela radicalização política da revista, que corresponde os intervalos entre os números 10 e 29 (dezembro de 1927 a março de 1930), e a última fase que abarcou os números 30, 31 e 32. Esta última fase foi publicada entre os meses de abril e setembro de 1930, ou seja, após a morte de seu fundador e por isto não nos ocuparemos dela aqui.

As palavras iniciais – “Esta revista, en el campo intelectual, no representa un grupo. Representa, más bien, un movimiento, un espíritu”²² – do texto de apresentação da revista apontam a ambição inicial de Mariátegui. Nesta primeira fase da revista, o “movimento” teria apenas o objetivo de construir um Peru novo, dentro de um mundo novo. Para realizar tal ímpeto, não bastava um grupo homogêneo dotado de um programa fechado e acabado, pois era antes necessário criar espaço de debate, cuja pauta era conhecer a realidade (social, política, econômica) peruana, em particular, e latino-americana, em geral.

Tratou-se, podemos dizer sinteticamente, de um esforço de definição ideológica realizado justamente a partir da *organização* do debate intelectual sobre as questões do Peru de princípios do século XX. Pois, como lembra Tauro: “*Amauta* iba a ser una tribuna hospitalaria para todo aquel que se aportara un elemento a la discusión. Iba a plantear los problemas: no a resolverlos”.²³

A função de *organizar e divulgar* os debates sobre os problemas peruanos pode ser constatada no fato de que a seção *Libros y Revistas*, na qual se divulgava os lançamentos da Editora Minerva, foi a única constante durante toda a vida da revista. Outra seção importante, embora mais irregular, foi o *Boletín de Defensa Indígena*, que foi publicado inicialmente no número 5 da revista e buscava discutir e denunciar as dificuldades enfrentadas pela população indígena.

Já o espírito cosmopolita do periódico se fez sentir com a presença de assuntos, temáticas e autores internacionais. Nas páginas da revista podemos encontrar textos de autores como Trotsky, Gorki, Ortega y Gasset, Romain Rolland, Marinetti, Miguel de Unamuno. É interessante observar, contudo, que não há nenhum registro de colaboração brasileira na revista.

²¹ TAURO, Alberto. *Amauta y su influencia*. Lima: Editoria Amauta, 1970, p.14-15.

²² MARIÁTEGUI, José Carlos. Presentación de ‘Amauta’, p. 237.

²³ TAURO, Alberto. *Amauta y su influencia*, p.9.

Logo no primeiro número uma inovação: o artigo *Resistencia à psicanálise*, de Freud, em sua primeira tradução para o castelhano. Publicaram-se também poemas, como os de Neruda e de César Vallejo, capítulos de romances importantes, como *Los de Abajo* de Mariano Azuela e *La Vorágine* de José Eustasio Rivera. Borges, Alberto Hidalgo e Vicente Huidobro também colaboraram em suas páginas.

Em meados de 1927, sob o pretexto de uma conspiração comunista, o governo Leguía prendeu José Carlos Mariátegui e os editores da revista *Amauta*. Por causa de suas condições de saúde o jornalista ficou detido em hospital militar, enquanto sua residência foi invadida pela polícia, que confiscou muitos de seus livros.

Em dezembro do mesmo ano a revista voltou a circular, apesar das dificuldades impostas pelo governo. Por isto, Mariátegui escreveu para vários jornais denunciando os feitos arbitrários do governo, de quem se mostrou, neste período, um grande crítico. Foi com este tom politicamente mais incisivo que se iniciou a segunda fase da revista.

No número 17, de setembro de 1928, o esforço de definição ideológica teve fim. Nele apareceu a declaração de adesão dos integrantes da revista ao socialismo (e o fato de isto ter ocorrido *antes* da fundação do Partido Socialista é muito importante, como demonstraremos à frente) e o seu afastamento das posições de Haya de la Torre e dos antigos companheiros da APRA (cuja importância merece um tratamento mais detalhado). Foi também com este espírito que Mariátegui lançou em novembro de 1928 o “quinzenário de informações e ideias” *Labor*, que com 5.000 exemplares de tiragem foi o mais importante periódico socialista no Peru da época.

Labor, então, se tornou verdadeiro complemento da revista *Amauta*, pois, como nos lembra Tauro,

[...] se a revista atendía a la dotación de los recursos ideológicos indispensables para fijar y acercar de los objetivos finales. *Labor*, que ascultaba y esclarecía los menudos problemas del presente, contribuyendo a formar una disciplina crítica.²⁴

O jornal, então, buscava discutir as necessidades mais urgentes e concretas do movimento proletário peruano. Por isto, publicou em suas páginas os textos de fundação da CGTP – *Confederación General de los Trabajadores Peruanos* – e foi fechado pelo governo menos de um ano após o início de sua publicação.

Neste mesmo agitado ano de 1928, José Carlos Mariátegui publicou na coleção *Biblioteca Amauta* da Editorial Minerva a sua obra mais conhecida e que sintetiza todo o esforço intelectual do projeto de *Amauta*. Os *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* – coletânea com versões

²⁴ TAURO, Alberto. *Amauta y su influencia*, p. 9.

ampliadas de artigos anteriormente publicados em *Mundial* e na própria *Amauta* –, tinham como meta entender as *especificidades* do desenvolvimento histórico peruano a partir dos conceitos marxistas. Nos dizeres de Mariátegui:

Todo este trabalho não passa de uma contribuição à crítica socialista dos problemas e da história do Peru. Não falta quem me acuse de europeizado, alheio aos fatos e às questões do meu país. Que a minha obra se encarregue de me justificar contra essa especulação barata e interessada.²⁵

As acusações de “europeizado” de que nos fala Mariátegui partiram principalmente de um grupo de apistas exilados no México, dentre eles Victor Haya de la Torre, que em princípios de 1928 defenderam a transformação da APRA em um partido político nacionalista peruano, cuja composição social seria de estudantes, camponeses, trabalhadores industriais, além das camadas médias radicalizadas e dos intelectuais que deveriam hegemonizar o novo partido. Opção que desagradou Mariátegui, pois este defendia a presença autônoma do proletariado na Aliança. A divergência, como observamos, ocupou espaço nas principais iniciativas editoriais do socialista andino e por isto vamos abordá-la de maneira mais detida.

Divergências com Haya de la Torre e a fundação do Partido Socialista do Peru

Em linhas gerais, Haya de la Torre passou a entender que o Estado seria o agente da libertação nacional, e por isto reclamava que o Aprismo seria a *adaptação* do marxismo à situação da América Latina. Ele acusava o marxismo europeu de possuir um tom universalista que desprezava as especificidades do “espaço-tempo” – e aqui a referência é o pensamento relativista de Einstein - americano. Por isto, Haya de la Torre sentenciava a Mariátegui: “Póngase en la realidad y trate de disciplinarse no con Europa revolucionaria, sino con América revolucionaria”²⁶.

A situação desagradou Mariátegui, para quem a APRA deveria manter seu caráter de frente única, pois assim haveria um espaço privilegiado de agitação política e articulação dos socialistas. Desta maneira, criticou veementemente a guinada eleitoral proposta por Victor Haya de la Torre. Como apontamos, a primeira resposta de Mariátegui apareceu na revista *Amauta*. É notável que a adesão ao socialismo e o próprio anúncio do cisma com a APRA (assunto da vertente política) tenham aparecido na Revista *Amauta*. O fato evidencia a articulação concreta das vertentes do projeto mariateguiano que caminhavam rumo ao mesmo norte. O editorial –

²⁵ MARIÁTEGUI, José Carlos Mariátegui. Advertência. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, p. 32.

²⁶ Cf. QUIJANO, Aníbal. Caracter de la Revolución y del Partido: Debate con el APRA. In: _____. (Org.). *Textos básicos*. México: D.F. Fondo de Cultura Económica, 1991, p.122.

Aniversário e balanço – que anunciou o cisma, é um dos textos mais importantes da história política do Peru²⁷:

Na nossa bandeira, inscrevemos esta única, simples e grande palavra: socialismo. (Com este lema, afirmamos nossa absoluta independência frente à ideia de um Partido Nacionalista, pequeno-burguês e demagógico).²⁸

Os argumentos de Mariátegui se tornam mais claros quando observamos que para ele:

O socialismo não é, certamente, uma doutrina indo-americana. Mas nenhuma doutrina, nenhum sistema contemporâneo não é nem pode sê-lo. E o socialismo, embora tenha nascido na Europa, tal como o capitalismo, tampouco é específica ou particularmente europeu. É um movimento mundial, a que não se subtrai nenhum dos países que se movem dentro da órbita da civilização ocidental. Esta civilização conduz, com uma força e com meios de que nenhuma civilização dispôs, à universalidade. A Indo-américa, nesta ordem mundial, pode e deve ter individualidade e estilo, mas não uma cultura e um destino particulares.²⁹

Mariátegui, portanto, não considerava que a realidade indo-americana fosse antagônica ao marxismo, já que a doutrina de Marx seria um “método” que deveria ser utilizado de forma criativa e original pelos teóricos do continente, de modo a compreender as especificidades da realidade latino-americana dentro do amplo processo das relações políticas e econômicas do capitalismo internacional.

Este debate sobre “o lugar das ideias” são manifestações de divergências ideológicas e concepções políticas muito mais profundas. A principal delas é a relação entre a questão nacional e a revolução socialista. Se a perspectiva da frente única era comum aos dois grandes teóricos da esquerda peruana, o papel revolucionário atribuído a cada força do bloco de classes é radicalmente distinto. Enquanto Haya defendia a liderança dos setores intelectualizado e pequeno-burgueses, Mariátegui defendia que a hegemonia do processo revolucionário deveria ser dos setores proletarizados.

A ruptura com Victor Haya de la Torre frustrou os planos de José Carlos Mariátegui de acumular forças, dentro da APRA, para fundar um partido socialista. Afinal, como nos lembra Aricó, para Mariátegui:

O momento do partido político deveria ser mais um resultado que um pressuposto das lutas de massa, e o partido político devia crescer não como um todo completo, mas em seus elementos constitutivos, no quadro do movimento de massas em desenvolvimento; só em relação a tal movimento o partido encontrava sua razão de existir, a garantia contra um sectarismo que o levasse a buscar em si mesmo os motivos de sua existência.³⁰

²⁷ QUIJANO, Aníbal. *Caracter de la Revolución y del Partido...*, p. 122-123.

²⁸ MARIÁTEGUI, José Carlos. *Aniversário e Balanço*, p. 118.

²⁹ _____. *Aniversário e Balanço*, p. 120.

³⁰ ARICÓ, J. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBSBAWM, E. (Org.). *História do Marxismo*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Nemésio Sales. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 458. v. 8. D,O autor

Desta maneira, como resposta política à APRA, em outubro de 1928, Mariátegui fundou o Partido Socialista do Peru (PSP), que se alinhou à III Internacional, o que não ocorreu sem tensões. Dentro da Internacional Comunista àquela época – na qual o processo de *bolchevização stalinista*³¹, iniciado com a morte de Lênin em 1924, já se encontrava em processo de consolidação – havia uma tensão entre aqueles que buscavam utilizar a organização da Internacional Comunista para fomentar e impulsionar processos revolucionários nos países onde atuam e entre os que buscavam estabelecer uma organização baseada em sucursais nacionais submetidas às diretrizes moscovitas.

Nesse sentido, a política oficial moscovita propunha que a classe operária dos países semifeudais, ou semicoloniais (como o Peru), deveria se aliar à burguesia nacional para que esta realizasse a revolução anti-imperialista e o regime democrático-burguês. Mariátegui, com uma perspectiva diferente, defendia que “só a ação proletária pode, primeiro, estimular e, depois, realizar as tarefas da revolução democrático-burguesa, que o regime burguês é incompetente para desenvolver e cumprir”³².

O próprio nome “socialista” do partido foi alvo de tensões, pois era distinto dos outros partidos que integravam a Internacional Comunista. Este é, sem dúvida, forte indicativo das concepções mais flexíveis do marxismo de Mariátegui que guiaram a fundação do novo partido peruano. Por isto, ele dizia: “Não queremos, certamente, que o socialismo seja na América decalque e cópia. Deve ser criação heroica. Temos de dar vida, com nossa própria realidade, na nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano”³³.

O socialismo indo-americano

O partido proletário no Peru, então, deveria se chamar “socialista”, pois, ao contrário da Europa onde o termo significava reformismo, o país andino ainda não havia vivido um período de acúmulo de força e de organização proletária. Esta foi a tarefa à qual o jornalista devotou os anos finais de sua breve vida.

Este processo de acúmulo de forças, no país andino, deveria necessariamente dialogar com as questões indígenas:

ainda acrescenta que estas são as razões que explicam o “atraso” com o qual o partido comunista peruano se constituiu, provocando críticas da Internacional Comunista a Mariátegui.

³¹ Cujos primeiros indícios já se fizeram sentir no V e no VI Congresso da Internacional Comunista. Logo após a morte de Lênin, nota-se o início do processo de bolchevização da IC, ou seja, sua paulatina subordinação aos interesses do núcleo stalinista, dominante no PC soviético. Cf. FERREIRA, John Kennedy. *A questão indígena-camponesa e a luta pelo socialismo: apontamentos sobre a contribuição de José Carlos Mariátegui*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 53.

³² MARIÁTEGUI, José Carlos. Princípios programáticos do partido socialista peruano. In: LÖWY, Michael. (Org.). *Por um socialismo indo-americano*: José Carlos Mariátegui, p. 122.

³³ _____. Aniversário e Balanço, p.120.

O socialismo ordena e define as reivindicações das massas, da classe trabalhadora. E, no Peru, as massas – a classe trabalhadora – são indígenas na proporção de quatro quintos. Nosso socialismo, pois não seria peruano – sequer seria socialismo – se não solidarizasse, primeiramente, com as reivindicações indígenas.³⁴

Esta preocupação – “etnográfica”, diríamos contemporaneamente – com o elemento indígena foi um dos alicerces das proposições políticas e intelectuais de Mariátegui. Então, qual seria o problema do índio?

Se da cuenta [la nueva generación] de que el problema fundamental del Perú, que es el del indio y de la tierra, es ante todo un problema de la economía peruana. La actual economía, la actual sociedad peruana tienen el pecado original de la conquista. El pecado de haber nacido y haberse formado sin el indio y contra el indio.³⁵

Daqui se extrai a questão que orientou a trajetória política e intelectual até o fim de sua vida. Tratava-se de deslocar a explicação do campo racialista (índio “preguiçoso” e inapto para o progresso) para os campos social e econômico.³⁶ Com isto em vista, como pensar e realizar o socialismo, a partir de uma perspectiva peruana?

Uma política realmente nacional não pode prescindir, não pode ignorar o índio. O índio é o alicerce da nossa nacionalidade em formação [...]. Quando se fala da peruanidade, seria preciso começar investigando se esta peruanidade compreende o índio. Sem o índio não há peruanidade possível.³⁷

Peruanizar o Peru – título de um dos volumes das obras completas e da coluna que Mariátegui manteve na revista *Mundial* entre 1925 e 1929 – ou seja, elaborar um projeto intelectual e político que considerasse também o elemento indígena era o primeiro passo para a construção do socialismo no Peru. As iniciativas editoriais de Mariátegui cumpriram, portanto, o importante papel de suscitar debates e criar espaços de discussão sobre a caracterização (e as especificidades) da realidade peruana.

Mariátegui ambicionava explicar a articulação peculiar entre a propriedade coletiva agrária inca (*ayllu*) e a servidão imposta pelos oligarcas latifundiários, sendo ambos determinados (e determinando também, já que a perspectiva era dialética) pelo capitalismo “retardatário”. Esta

³⁴ MARIÁTEGUI, José Carlos. Indigenismo e socialismo. Intermezzo polêmico. In: LÖWY, Michael. (Org.). *Por um socialismo indo-americano*: José Carlos Mariátegui, p. 110.

³⁵ _____. El hecho económico en la historia peruana. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Peruanicemos al Peru*. Lima: Editora Amauta, 1972, p.61.

³⁶ “A suposição de que o problema indígena é um problema étnico se nutre do repertório mais envelhecido das ideias imperialistas. O conceito de raças inferiores serviu ao Ocidente branco para sua obra de expansão e conquista. Esperar a emancipação indígena de um cruzamento ativo da raça aborígine com imigrantes brancos é uma ingenuidade anti-sociológica, [...]” MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, p.57. É interessante verificar que para Mariátegui, em função da sua perspectiva histórica, não declara uma fórmula única e universal para a Revolução, quando nos diz que: “El problema de la razas no es común a todos países de la América Latina ni presenta en todos los que sufren las mismas proporciones y caracteres. En algunos países latinoamericanos tiene una localización regional y no influye apreciablemente en el proceso social y económico.” MARIÁTEGUI, José Carlos. El problema de las razas em América Latina. In: _____. *Ideología y Política*. Lima: Editora Amauta, 1986, p. 32.

³⁷ _____. O problema elementar do Peru. In: LÖWY, Michael. (Org.). *Por um socialismo indo-americano*: José Carlos Mariátegui. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, p. 87.

perversa articulação, em que a dicotomia entre oprimidos (indígenas) e dominantes (o latifúndio, a servidão) se mantém, era funcional a uma burguesia que, distante do seu povo, preferia se associar aos grandes centros do capitalismo mundial (Londres, inicialmente, e depois Nova Iorque).³⁸

Esta articulação entre os setores burgueses e oligárquicos pode ser constatada desde a fundação da República – que deveria ser o lugar, por excelência, do regime burguês –, pois, na medida em que não eliminou os *gamonales*³⁹, não realizou sua tarefa fundamental: destruir a herança colonial.

Pode-se dizer, portanto, que a República foi fundada, sem, e contra, os índios. Por isto, do baixo grau de coesão na formação social do Peru (além das diferenças regionais entre Costa, Serra e Selva, havia, por exemplo, a questão das línguas diversas que até hoje coexistem como espanhol e quéchua), “Mariátegui depreende sua tese mais cortante: o Peru, seu contemporâneo, é uma *formação nacional incompleta*, um *esboço de nação*”⁴⁰.

A questão nacional, sempre enfrentada pelos marxistas com grande dificuldade⁴¹, se tornou uma variável importante no projeto político de Mariátegui:

El nacionalismo de las naciones europeas – donde nacionalismo y conservatismo se identifican y consustanciase propone fines imperialistas. Es reaccionario y anti-socialista. Pero el nacionalismo de los pueblos coloniales – sí, coloniales económicamente, aunque se vanaglorien de su autonomía política – tiene un origen y un impulso totalmente diversos. En estos pueblos, el nacionalismo es revolucionario y, por ende, concluye con el socialismo. En estos pueblos la idea de nación no ha cumplido aún su trayectoria ni ha agotado su misión histórica.⁴²

O conceito de nação só pode ser revolucionário, portanto, nos países que, no contexto da realidade econômica do capitalismo monopolista, ocupam um papel estruturalmente colonial.⁴³

³⁸ “No Peru atual coexistem elementos de três economias diferentes. Sob o regime de economia feudal nascido da conquista subsistem na serra alguns resíduos ainda vivos da economia comunista indígena. Na costa, sobre um solo feudal, cresce uma economia burguesa que, pelo menos em seu desenvolvimento mental, dá a impressão de ser uma economia retardada”. MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, p.46.

³⁹ Referente a *Gamonal*, conceito que trata das grandes propriedades latifundiárias, nas quais o trabalho ocorria sob o regime de servidão.

⁴⁰ BOSI, Alfredo. A vanguarda enraizada o marxismo vivo de Mariátegui. *Revista do IEA*, São Paulo, n. 8, p. 60, jan./abr. 1990. (Grifos no original).

⁴¹ Cf. HOBBSAWM, Eric. Nacionalismo e Marxismo. In: Jaime Pinsky. (Org.). *Questão Nacional e Marxismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

⁴² MARIÁTEGUI, José Carlos. Réplica a Luiz Alberto Sánchez. In: _____. *Ideología y Política*. Lima: Editora Amauta, 1986, p. 221.

⁴³ “A economia do Peru é uma economia colonial. Seu movimento e seu desenvolvimento estão subordinados aos interesses e às necessidades dos mercados de Londres e Nova Iorque. Esses mercados veem no Peru um depósito de matérias-primas e um mercado para suas manufaturas. A agricultura peruana consegue, por isso, créditos e transporte apenas para os produtos que possam proporcionar uma vantagem nos grandes mercados. A banca estrangeira se interessa dia pela borracha, outro dia pelo algodão, outro dia pelo açúcar. O dia em que Londres pode receber um produto por melhor preço e em quantidade suficiente da Índia ou do Egito, abandona instantaneamente à sua própria sorte seus provedores do Peru. Nossos latifundiários, nossos fazendeiros, quaisquer que sejam as

Nestes países, subordinado aos interesses imperialistas de Londres e Nova Iorque, lutar pela nação, “esgotar o seu sentido histórico”, significava lutar contra o imperialismo. Contudo, note-se que, para o autor, o nacionalismo só pode ser verdadeiramente revolucionário quando ele *acaba* no socialismo. Desta forma, a nação é um meio e não a finalidade da agitação política.

Esta sutil diferenciação é importante, pois é ela que se encontrava na base das divergências de José Carlos Mariátegui com a APRA de Victor Haya de la Torre. Os que colocavam a nacionalidade em primeiro plano como a APRA, de acordo com Mariátegui, assim explicava sua posição: “somos de esquerda (ou socialistas), porque somos anti-imperialistas”. De tal forma que, para estes grupos:

El anti-imperialismo resulta así elevado a la categoría de un programa, de una actitud política, de un movimiento que se basta a sí mismo y que conduce, espontáneamente, no sabemos en virtud de que proceso, al socialismo, a la revolución social. Este concepto lleva a una desorbitada superestimación del movimiento anti-imperialista, a la exageración del mito de la lucha por la ‘segunda independencia’, al romanticismo de que estamos viviendo ya las jornadas de una nueva emancipación. De aquí la tendencia a reemplazar las ligas anti-imperialistas con un organismo político. Del APRA definida como el Kuo Min Tang latinoamericano.⁴⁴

Ainda assim, Mariátegui afirmava sua divergência à concepção nacionalista democrático-burguesa, quando dizia:

El antiimperialismo, para nosotros, no constituye ni puede constituir, por sí solo, un programa político, un movimiento de masas apto para la conquista del poder. El antiimperialismo, admitido que pudiese movilizar al lado de las masas obreras y campesinas, a la burguesía y pequeña burguesía nacionalistas (ya hemos negado terminantemente esta posibilidad) no anula el antagonismo entre las clases, no suprime su diferencia de intereses.⁴⁵

O alerta de que o antagonismo das classes persistia, mesmo quando articuladas em torno de um projeto nacional, era importante, pois, ao contrário do que supunham os nacionalistas, os interesses econômicos das classes latifundiárias e do capital imperialista não eram os mesmos.

La creación de la pequeña propiedad, la expropiación de los latifundios, *la liquidación de los privilegios feudales, no son contrarios a los intereses del imperialismo, de un modo inmediato*. Por el contrario, en la medida en que los rezagos de feudalidad entraban el desenvolvimiento de una economía capitalista, ese movimiento de liquidación de la feudalidad, coincide con las exigencias del crecimiento capitalista, promovido por las inversiones y los técnicos del imperialismo; que desaparezcán los grandes latifundios, que en su lugar se constituya una economía agraria basada en lo que la demagogia burguesa llama la "democratización" de la propiedad del suelo, que las viejas aristocracias se vean desplazadas por una burguesía y una pequeña burguesía más

ilusões que tenham sobre sua independência, atuam na verdade como intermediários ou agentes do capitalismo estrangeiro.” MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, p.108-109.

⁴⁴ MARIÁTEGUI, José Carlos. Punto de vista Anti-Imperialista. In: _____. *Ideología y Política*. Lima: Editora Amauta, 1986, p. 90.

⁴⁵ _____. Punto de vista Anti-Imperialista, p.90.

poderosa e influyente -y por lo mismo más apta para garantizar la paz social-, nada de esto es contrario a los intereses del imperialismo.⁴⁶

Por isto, Mariátegui conclui, na direção oposta da corrente aprista e nacionalista:

[...] *somos anti-imperialistas porque somos marxistas, porque somos revolucionarios, porque oponemos al capitalismo el socialismo como sistema antagónico*, llamado a sucederlo, porque en la lucha contra los imperialismos extranjeros cumplimos nuestros deberes de solidaridad con las masas revolucionarias de Europa.⁴⁷

Para Mariátegui, então, o anti-imperialismo não pode ser elevado à categoria de programa e a nação não deve ser a finalidade da ação política (que deveria ser o socialismo). Podemos dizer, neste sentido, que a nação é justamente o “suporte” onde se acumulam as forças da esquerda, é o *locus* da hegemonia. No Peru este projeto não pode ser realizado sem o índio, que deveria participar de maneira ativa⁴⁸ neste processo de criação do Peru, pois desta forma o fator racial poderia ser transformado em fator revolucionário.

Evidentemente, ao valorizar a contribuição do elemento indígena, Mariátegui não defendia nenhuma espécie de retorno ao passado incaico. E para sustentar filosoficamente sua tese, procurou diferenciar *tradição* de *tradicionalismo*, como nos lembra Fernanda Beigel:

Mediada ya por el desarrollo de la polémica indigenista que atravesaba a todos los grupos culturales, la preocupación de Mariátegui se organizó en torno a diferenciar la *tradicción* del *tradicionalismo*. Explicaba que – contra lo que deseaban los tradicionalistas – la tradición era heterodoxa, “viva y móvil”, y estaba en permanente creación gracias a la acción de quienes la “negaban” para renovarla y enriquecerla. La aniquilaban en cambio quienes la querían “fija” e imprimían en ella un presente sin fuerza y estático. Los revolucionarios – así gustaba Mariátegui llamar a los vanguardistas –, aunque actuaran sobre la realidad “por medio de negaciones intransigentes”, no podían rechazar la tradición en bloque.⁴⁹

60

O projeto defendido por Mariátegui consistia justamente em renovar e enriquecer a tradição coletivista incaica que à sua época subsistia na parte serrana do Peru. Renovar esta tradição significava relacioná-la ao mundo industrial capitalista, ou seja, propor que o coletivismo incaico “se transforme, *bajo la hegemonía de la clase proletaria*, en una de las bases más sólidas de la sociedad colectivista preconizada por el comunismo marxista”⁵⁰.

Essa reinvenção (ou continuação na hipótese de Mariátegui) da tradição tem justamente como base o seu trabalho intelectual e suas iniciativas editoriais. Trata-se, portanto, de uma unidade orgânica e dialética entre as intervenções no campo da cultura e da política que busca “peruanizar” os projetos e possibilidades vanguardistas postas naquele momento.

⁴⁶ MARIÁTEGUI, José Carlos. Punto de vista Anti-Imperialista, p.93. (grifo nosso).

⁴⁷ _____. Punto de vista Anti-Imperialista, p.95. (Grifos no original).

⁴⁸ “A solução do problema do índio tem que ser uma solução social. Seus realizadores devem ser o próprios índios”. In: _____. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, p. 65.

⁴⁹ BEIGEL, Fernanda. Mariátegui y las antinomias del indigenismo. *Revista Utopía y Praxis Latinoamericanas*, Maracaibo, v. 6, n.13, p.44-45, jun. 2001.

⁵⁰ MARIÁTEGUI, José Carlos. El problema de las razas em América Latina, p.68.

Organização dos trabalhadores e da cultura: a centralidade da iniciativa editorial no projeto socialista de Mariátegui

Seguindo os passos de Leila Escorsim Machado⁵¹, assumimos, então, que a principal tarefa que Mariátegui se outorgou foi a da inserção do Peru nas discussões da modernidade socialista. Por esta razão é que a proposta de “peruanizar” os projetos e possibilidades vanguardistas foi tão importante para o socialista andino.

Grosso modo, procuramos demonstrar que para realizar tal objetivo Mariátegui atuou em três frentes, a sindical, a partidária e a intelectual, sempre com o objetivo de ajudar a *organizar* as lutas e as demandas dos trabalhadores. Contudo, ao contrário do que propuseram grande parte dos comunistas ao longo do século XX, organizar os trabalhadores não era apenas organizar o partido. Como nos lembra Galindo:

El partido era necesario e imprescindible para introducir en el Perú esa especie de planta europea que era el socialismo; pero el partido no era exactamente el inicio de esa tarea, sino casi su estación final. La idea intuida en el Perú, madurada en Europa, debía discutirse y prepararse al regreso. Es en ese derrotero que se inscribe el proyecto de *Amauta* y toda la labor publicista desplegada por Mariátegui. También sus conferencias en las Universidades Populares González Prada y sus chalas con los jóvenes dirigentes obreros, como Larrea, Portocarrero o el ferroviario Avelino Navarro. El partido exigía el desarrollo de la “conciencia de clase.”⁵²

A insistência do projeto mariateguiano em “desenvolver a consciência de classe” se traduziu justamente no caráter intelectual de seu projeto, o qual – longe de se limitar a legitimar posicionamentos políticos já estabelecidos – deveria se ocupar da crítica, da investigação e do debate. Nas palavras de Mariátegui:

La línea doctrinal es función de partido. Los intelectuales, en cuanto intelectuales, no pueden asociarse para establecerla. Su misión, a este respecto, debe contentarse con la aportación de elementos de crítica, investigación y debate.⁵³

Esta preocupação de Mariátegui com os debates nos permite afirmar que ele cumpriu o papel do que o marxista italiano Antonio Gramsci denominou como “Intelectual Orgânico”:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc.⁵⁴

⁵¹ MACHADO, Leila Escorsim. J.C. *Mariátegui*: marxismo, cultura e revolução.

⁵² FLORES GALINDO, Alberto. *La agonía de Mariátegui*. Lima: DESCO, 1982, p.75-6.

⁵³ MARIÁTEGUI, José Carlos. Prensa de doctrina y prensa de información. In: _____. *Ideología y Política*. Lima: Editora Amauta, 1986, p.176.

⁵⁴ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982, p. 3.

Esta noção de um *organizador da cultura* trazida pelo conceito de Gramsci dialoga diretamente com a dimensão de “processo” e de “preparação espiritual” que existem no pensamento de Mariátegui. A revolução socialista não se limita, então, ao momento de tomada do poder, pois Mariátegui se recusa a considerá-la um fenômeno político, antes do que social. Pois, como nos diz o socialista peruano: “la idea revolucionaria tiene que desalojar a la Idea conservadora no sólo de las instituciones sino también de la mentalidad y del espíritu de la humanidad. Al mismo tiempo que la conquista del poder, la Revolución acomete la conquista del pensamiento”.⁵⁵

Assim, podemos observar que para o autor, “a conquista do pensamento” não é uma *consequência automática* da conquista do poder político. Ou seja, não há uma correspondência automática e inevitável entre Infraestrutura e Superestrutura, daí a necessidade da *ação consciente* na construção de um projeto nacional peruano que também conquiste o pensamento. Afinal, para Mariátegui, “a premissa política e intelectual não é menos dispensável que a premissa econômica”⁵⁶.

Por fim, ressaltamos que esta “premissa intelectual” se relacionava justamente com a dimensão nacional do projeto socialista de Mariátegui. Tratava-se, justamente, de estabelecer o elemento nacional como *locus* da hegemonia socialista. Desta forma, superar a condição peruana de “esboço de nação” só seria possível com o estabelecimento de espaços de debates, onde as forças políticas fossem acumuladas – eis aqui a “conquista do pensamento”.

Às iniciativas editoriais cabia, portanto, o papel de possibilitar e articular estas discussões. A discussão intelectual, longe de ser mero instrumental legitimador das políticas do partido, deveria orientar as decisões políticas que “conquistariam o pensamento”. Exatamente por isto é que podemos concluir que existiu uma *centralidade* das iniciativas editoriais no projeto socialista de Mariátegui, pois foram justamente nestas iniciativas que as três vertentes (intelectual, sindical e partidária) de seu projeto socialista apareceram articuladas de maneira concreta.

Recebido: 14/05/2012
Aprovado: 27/06/2012

⁵⁵ MARIÁTEGUI, José Carlos. Henri Barbusse. In: _____. *La Escena Contemporanea*. Lima: Editora Amauta, 1976, p.156.

⁵⁶ _____. Henri Barbusse, p.73.